

E se ciência e religião fizessem as pazes?

And if science and religion make amends?

Janaina Alexandra Capistrano da Costa – UFT

LOPES JR., Orivaldo Pimentel; LUIZ, Ronaldo Robson; SILVA, Anaxsuell Fernando (Org.). **Mythos-logos: uma epistemologia dos estudos da religião**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2011.

O título da presente resenha constitui-se numa pergunta tomada de empréstimo de recente campanha promovida a nível nacional pelo canal educativo Futura. Campanha esta que veiculou uma série de pequenos filmes através dos quais eram apresentadas questões que sempre começavam pelas palavras “e se” e estavam associadas a determinadas imagens. “E se o mundo tivesse onze dimensões? E se fosse possível prever o futuro?” Indagava-se.

O público atingido por tal difusão, certamente não foi um grupo seletivo de intelectuais, mas sim uma parte importante da população que veria na televisão um recurso para a educação. Assim, podemos entender que a estratégia midiática mobilizada nesse caso tentava oferecer um conteúdo que essas pessoas assimilariam com certa facilidade e que as instigaria a explorar as hipóteses suscitadas.

Especificamente na pergunta: E se ciência e religião fizessem as pazes? Toma-se como certa a existência de uma pugna entre ciência e religião que faz parte do cotidiano dos telespectadores, ou seja, trata-se de um conflito naturalizado. Além disso, a superação deste conflito é colocada de forma hipotética, sugerindo uma possibilidade, talvez ansiada por quem assiste. A imagem ligada à frase é a do cientista Albert Einstein. O que nos faz pensar, no por que da escolha dessa imagem.

Muito provavelmente a imagem de Einstein representa uma idéia universal de ciência, é difícil vê-la e não associá-la à palavra cientista. Isso estaria insinuando que uma resposta poderia ser encontrada pelo pensamento científico? O certo é que Albert Einstein foi um dos raros pesquisadores que realmente refletiram sobre uma aproximação necessária entre ciência e religião.

Para ele ciência e religião são complementares, a oposição existente entre elas nada mais é do que o produto da aspiração do homem moderno em substituir uma crença pela crença na promessa científica. Segundo Einstein, o conhecimento objetivo não garante por si só o vigor de um conjunto de valores que possa orientar a conduta humana no sentido da construção da tolerância e de uma sociedade melhor para todos. A religião seria a esfera privilegiada onde podem ancorar-se as metas suprapessoais do homem, ou seja, as metas humanitárias, e o *dever ser* presente em todo pensamento humanista, pois é nela onde reside com profundidade a convicção na superioridade do significado destes itens.

Engajada nesse debate tão pertinente e caro à sociedade é que caminha a proposta epistemológica ora trazida pelo recém lançado livro *Mythos-logos: uma epistemologia dos estudos da religião*. Trata-se de uma obra organizada em torno a quatro grandes eixos temáticos, sendo eles: cultura e fenômeno religioso, espiritualidades e experiência-limite, mythos-poiêsis e religião, história e política.

Desde perspectivas específicas esses eixos abordam os entrelaçamentos positivos e disjuntivos existentes entre os dois modos do pensar humano apontados por Morin (1987), o racional-lógico-técnico e o simbólico-mítico-mágico. Sendo que isso parece ser levado a cabo no intuito de, se não resgatar o potencial da religião na promoção da felicidade humana, como sugere o prefaciador da obra resenhada, pelo menos demonstrar a proficuidade da aproximação apaziguada entre ciência e religião.

O primeiro artigo do livro é intitulado *A sociologia da simbolização religiosa: uma perspectiva epistemológica* e trata de um conceito fundamental para a compreensão do fenômeno religioso, o conceito de símbolo, perpassando autores tais como Durkheim, Bourdieu e Geertz. O autor procura demonstrar a relação do símbolo com a vigência do sagrado nas sociedades e, a partir daí, defender a idéia de que não há limites pré-definidos para a vinculação dos sentidos sagrados às ações humanas cotidianas, o que garantiria a historicidade das religiões.

Em *Xangô rezado baixo, Xambá tocado alto*, segundo artigo do livro, a autora expõe resultados de um estudo sobre como os jovens da Nação Xambá de PE, representados pelo grupo musical Bongar, atuam no sentido de demonstrar a importância da sua religião para a sociedade. Assim, notamos através desse texto a presença de um envolvimento desses atores com uma agenda social que compreende a luta pelo respeito inter-religioso e pelo reconhecimento do Estado do valor cultural de sua religiosidade.

Por fim, o último artigo do primeiro bloco, *Pentecostalismo como expressão religiosa do êxodo rural brasileiro*, trata da pungente questão das possíveis relações entre processos sociais amplos, como o êxodo rural e a metropolização, e a formação dos grupos religiosos. Questiona a inserção da religião, por meio do pentecostalismo, reconhecidamente vinculada à tradição, num âmbito profundamente demarcado pela dinâmica da modernização. E como digressão, o autor conclui tratar-se de um formato religioso que assume o movimento de uma cultura em transformação e estruturadora de elementos arcaicos e emergentes.

O segundo bloco de artigos do livro é composto por três textos que, embora tratem de fenômenos oriundos de contextos diversos, se ligam por realizarem reflexões acerca das noções de cura, doença e morte. O artigo *Tratamento espiritual: cura da alma pelo espiritismo* descreve os resultados de um trabalho de pesquisa, através do qual os autores aplicaram uma metodologia proposta pelo antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira baseada no desenvolvimento acurado de três etapas durante o trabalho etnográfico, *o olhar, o ouvir e o escrever*. A partir daí, foi elaborado um rico e claro panorama do processo de cura desenvolvido no interior do movimento espírita kardecista e das concepções espiritualistas aí presentes.

Já em *Processos sociais e simbólicos a partir de um jazigo* o pesquisador explora o tema da morte desde a ótica social e como produção simbólica de um lugar. O ponto de partida para esse procedimento é um jazigo coletivo localizado na cidade de Juazeiro do Norte no CE e mantido por duas associações religiosas. Para o autor, os indivíduos associados e que sepultam seus entes queridos no jazigo, estabeleceram uma relação de territorialização com a cidade justificada pelo sentido de

sagrado que paira sobre esse locus. Logo, a morte ladeada pelo ultimo abrigo do corpo passou a ser encarada como “coroação da vida”, reforçando e reatualizando os laços comunitários.

Outro texto exemplar naquilo que diz respeito às propostas metodológicas de exame do fenômeno religioso é *Morte e espiritualidade: registros de um caderno de campo*. Neste texto as autoras exploram o uso do instrumento caderno de campo, numa pesquisa sobre as concepções que os sujeitos que se qualificam como cuidadores-familiares de crianças/adolescentes com câncer têm sobre a morte. O local onde foram registradas tais concepções, foi o Núcleo de Apoio à Criança com Câncer do Estado da Paraíba situado na capital João Pessoa. Desta feita, por meio dos discursos dos acompanhantes presentes nesse lugar, a pesquisa verificou o papel central que cumpre a espiritualidade na definição dos sentidos que estes dão à morte, bem como no norteamento de suas ações face a experiência vivenciada.

O terceiro e quarto eixos do livro, *mythos-poiêsis* e religião, história e política respectivamente, incluem dois artigos cada um. No artigo *Mitopoiêsis e literatura*, a autora avulta uma instigante discussão sobre as afinidades entre as dimensões da poiêsis, do mito e da literatura. Tais afinidades, entretanto, são percebidas por meio de operações aparentemente tênues, mas que desvelam sua avidez no movimento, como por exemplo, no movimento de desentranhamento do mito realizado pela poiêsis no campo das expressões da subjetividade humana. A literatura, por sua vez, beberia sedenta nesta fonte(re)organizando as informações colhidas através da linguagem e da narrativa. Nesse sentido Ilza Matias, a autora, escreve: “Desintegrando, desmontando, criticando, o trabalho do escritor performa o mito, encena-o no jogo com a linguagem e assume enunciações irônicas, transmuta-o com a máscara”. Finalmente, um conjunto de referências literárias reproduzido e analisado pela autora a partir desse ponto de vista, exemplifica para o leitor como a literatura pode representar uma ponte entre o *mythos* e o *logos* manifesto na espacialização da narrativa.

Pistas para a compreensão da homofobia no cristianismo: uma discussão a partir de Daniel Borrillo constitui-se no segundo e ultimo artigo do quarto eixo, e proporciona um conteúdo duplamente importante, primeiro porque contribui para preencher uma lacuna nos estudos da religião que geralmente se abstêm de tratar tema tão espinhoso como a homofobia presente no âmbito das instituições religiosas. Em segundo lugar, porque possui como base de análise uma obra pertencente a um gênero literário caracterizado por certa maleabilidade plástica, o ensaio *Homofobia* do autor argentino Daniel Borrillo. Isso não quer dizer que este último aspecto diminua em algum sentido tal fonte e o estudo ora apresentado, mas sim que talvez justamente em virtude dessa plasticidade, dito ensaio permita-se dizer o interdito. Após uma rápida, mas elucidante apresentação do conteúdo da obra de referência, o autor do artigo faz uma incursão pelas origens do ódio homofóbico cristão, demonstrando para o leitor sua relação com o projeto político heterossexista das sociedades modernas.

No derradeiro eixo temático do livro, para quem já se indagou sobre as prováveis relações entre o crescimento das redes de rádio e TV evangélicas e o crescimento da representação político-institucional desse grupo religioso, o artigo *Os evangélicos na política: um olhar através das ondas do rádio* pode oferecer respostas plausíveis. Diferentemente do que se possa imaginar, não se trata apenas de uma relação estritamente utilitária, o autor revela que essa conexão estabelece-se num patamar além, ao se constituir desde uma mudança de paradigma e de mentalidade ocorrida entre os evangélicos na segunda metade do século XX.

Enfim, o artigo *O fenômeno religioso e a sociedade civil: provocações gramscianas* representa uma contribuição ao debate estritamente teórico, já que faz uma explanação da teoria do Estado em Gramsci e conduz a uma discussão em torno do protagonismo assumido pelo âmbito da cultura na perspectiva marxista do pensador italiano. Em decorrência, qualquer transformação social objetivada nas sociedades modernas deverá necessariamente perpassar um reforma intelectual e social. E é neste ponto que a religião adquire protagonismo, pois ai ela poderia atuar tanto como uma ideologia repressora quanto como um manancial de valores populares.

REFERÊNCIAS

EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. Tradução de H. P. de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

MORIN, Edgard. **O método III: o conhecimento do conhecimento 1**. Portugal: Publicações Europa-América, 1987.